

Na mira da PF

RAMAGEM

Na operação da última quinta-feira, o foco principal foram policiais que atuavam na Abin, em especial no CIN (Centro de Inteligência Nacional), estrutura criada durante a gestão Bolsonaro. Ao todo, sete policiais federais foram alvos da ação. Foram expedidos mandados de busca e apreensão inclusive contra Alexandre Ramagem, hoje deputado federal, diretor da agência na época em que o uso ilegal do software teria ocorrido.

Ontem, os agentes apreenderam documentos, tablet, celular e uma pistola na casa do militar Giancarlo Gomes Rodrigues. Ele é ex-assessor de Alexandre Ramagem. A mulher dele é servidora da Abin. A PF apreendeu o computador para periciar e checar quem fazia uso do equipamento. Segundo as investigações, "Giancarlo Gomes Rodrigues, por determinação do dr. Alexandre Ramagem, teria feito monitoramento injustificado do advogado Roberto Bertholdo, que teria proximidade com os ex-deputados Ivo Feijó e Rodrigo Maia, à época tidos como adversários políticos do governo".

"Conforme informações policiais, Giancarlo Gomes Rodrigues é militar à época dos fatos estava cedido à Abin, tendo sido lotado no Centro de Inteligência Nacional (CIN), operando a ferramenta First Mile, cujo desvirtuamento é objeto de enfoque nas investigações em curso. A sua conduta apurada até aqui permite a suposição de que a busca e apreensão possa desvelar elementos relevantes para o progresso das apurações em desenvolvimento," apontam as investigações.

A PF usou um helicóptero da Polícia Rodoviária Federal para ir para a Vila Histórica de Mambucaba, em Angra dos Reis. A assessoria da PRF disse que "o apoio mútuo operacional é comum entre os órgãos federais e também demais entes de forças de segurança" e que, no caso de Mambucaba, houve "apenas apoio logístico". Foi em Mambucaba, vila com pouco mais de 1000 habitantes, que Bolsonaro manteve por cerca de 15 anos, com dinheiro da Câmara dos Deputados, uma assessora parlamentar que, na verdade, era mulher do caseiro da família e trabalhava em um comércio chamado "Wal Açai".

JAIR RENAN E FLÁVIO

No caso de Jair Renan, filho mais novo de Jair Bolsonaro, segundo a PF, a Abin teria atuado para ajudá-lo, já que ele era alvo de investigação sobre as relações com empresas que mantinham e tinham interesse em contratos com o governo federal. Agentes da Abin tentaram atrapalhar a investigação e coletar informações com o objetivo de evitar "riscos à imagem" de Bolsonaro, segundo as investigações. Um policial federal lotado na Abin chegou a seguir um dos alvos da investigação, que, desconfiado, acionou a Polícia Militar. O policial foi ouvido pela PF e confirmou que trabalhava diretamente com Ramagem e que recebeu a missão de levantar informações sobre o caso investigado.

Já o senador Flávio Bolsonaro teria sido be-



PF DIVULGOU FOTO DE MATERIAIS APREENDIDOS COM UM MILITAR QUE ASSESSOROU RAMAGEM

neficiado com a atuação da Abin para levantar informações contra auditores da Receita Federal. O filho de Bolsonaro à época era investigado no caso da "rachadinha" da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) e tentou apontar irregularidades na Receita como forma de anular a apuração.

"PERSEGUIÇÃO"

Jair Bolsonaro afirmou que nunca recebeu nenhum relatório da Abin e que desconhece que os filhos tenham pedido qualquer informação para Alexandre Ramagem. De acordo com Bolsonaro, a operação deflagrada ontem trata-se de perseguição pelo governo do presidente Lula (PT). Ele disse ainda que nada seria encontrado que o comprometesse. "Querem me esculachar, me fazer passar por constrangimento. Querem me associar a essa Abin paralela", mas não vão encontrar nada. É uma pesca em piscina. Não vão tirar um peixe. Estou sendo perseguido pelo governo do Lula", disse Bolsonaro à rede CNN. Ele afirmou que estava sem sinal de celular, por volta das 6h, na praia da Joaquina, na região de Angra. "Eu estava sem sinal de celular. Somente por volta das 9h30 que soube dessa operação. Eu sempre saio bem cedo para pescar. A pergunta que fica é: por que a PF chegou por volta das 7h30? Por que não chegaram às 6h, como fazem?" Bolsonaro também negou que houve apreensão de computador da Abin e alegou que a informação a respeito da apreensão de um computador da Abin era fake news por parte da imprensa.

Segundo o ex-presidente, Carlos Bolsonaro vai prestar depoimento na PF hoje. "Ele (Carlos Bolsonaro) vai prestar depoimento, já estava marcado a alguns dias. Poxa, que par-

ticipação que ele tem na Abin paralela?", perguntou. Questionado se ele teria dado algum tipo de orientação ao filho, Bolsonaro afirmou que ele estará acompanhado pelos advogados no depoimento. "Os advogados vão acompanhar e orientar, não serei eu."

DEFESA

A defesa do ex-presidente divulgou nota afirmando que a PF agiu com excesso nas buscas realizadas em Angra dos Reis. "A defesa entende que houve um excesso no cumprimento da busca e apreensão, ao passo que foram apreendidos objetos pessoais de cidadãos diversos do vereador Carlos Bolsonaro, apenas pelo fato de estarem no endereço em que a busca foi realizada", diz nota assinada pelos advogados Paulo Amador da Cunha Bueno, Daniel Bettamio Tesser e Fábio Wajngarten. A defesa também citou que foram apreendidas também anotações da live que o ex-presidente havia participado no domingo.

"Apesar da minuciosa busca feita pelos agentes em todos os cômodos do imóvel com a nítida tentativa de encontrar algo que pudesse comprometer a reputação ilibada do ex-presidente da República, nenhum item seu foi apreendido", diz a nota. Um assessor de Bolsonaro afirmou ter tido bens pessoais seus apreendidos indevidamente na operação.

A defesa de Tércio Arnaud Tomáz, antigo assessor da família presidencial e também alvo da PF, encaminhou petição ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal pedindo a imediata devolução de um tablet e um laptop do seu cliente, que teriam sido levados pelos policiais mesmo havendo esclarecimento de que eles não pertenciam a Carlos Bolsonaro. Os advogados de Tércio afir-

maram, também em nota, ser "inaceitável e inconcebível que terceiros, sem absolutamente qualquer tipo de relação com os fatos apurados, tenham seus bens apreendidos com base em maldosa e indecorosa interpretação de determinada ordem judicial específica". Tércio Arnaud estava na residência de praia da família Bolsonaro, na Vila Histórica de Mambucaba, em Angra dos Reis.

MARIELLE

Na live no domingo, Jair Bolsonaro afirmou que foi "massacrado por cinco anos" por suspeitas que ligavam seu nome ao assassinato da vereadora Marielle Franco, em 2018, e insinuou que a PF não cansa de criar narrativas que podem atrelar sua família ao crime. Ele comentou o caso após as notícias, na última semana, de que o ex-policia militar Rommie Lessa, preso sob acusação de ter atirado na vereadora e no motorista dela, Anderson Gomes, fechou um acordo de delação premiada com a PF.

A colaboração corre em sigilo no Superior Tribunal de Justiça. Após o depoimento do ex-PM, investigadores trabalham com a suspeita de envolvimento de Domingos Brazão, conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio, no crime. Brazão nega qualquer envolvimento e diz já ter sido alvo das investigações ao longo dos quase seis anos desde que Marielle foi morta. Na live, Bolsonaro falou do fato de que Lessa vivia no condomínio Viveredas da Barra, onde ele também tem apartamento, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. "O possível executor morava no meu condomínio, que tem 150 casas, daí o mundo começou a cair na minha cabeça", disse. "Por cinco anos apanhei como possível mandante da morte de Marielle", declarou. Bolsonaro relembrou outras notícias relacionadas a essa ligação, como a de que um porteiro que disse ter interfoneado para sua casa para autorizar a entrada de outro suspeito na noite do crime e a de que seu filho Jair Renan já teria namorado a filha de Lessa. "O porteiro voltou atrás, mas o que acontece é que isso me marcou ao longo de muito tempo", diz. Ele ainda rebateu outra "teoria daquele momento", a de que Marielle estava crescendo muito e seria uma potencial candidata ao Senado, competindo então com seu filho Flávio.

"O mais quero é que o fato seja elucidado. Eu nunca tive contato com a Marielle. O meu filho Carlos tinha o gabinete dele no mesmo andar da Marielle, nunca tiveram problema", acrescentou o ex-presidente da República.

MINISTRO

O ministro da Secretaria de Relações Institucionais, Alexandre Padilha (PT), afirmou ontem que as investigações envolvendo a Abin indicam que havia uma organização criminosa a partir do Palácio do Planalto com Jair Bolsonaro. Questionado sobre a suspeita de interferência de integrantes da atual gestão da Abin nas investigações da PF, Padilha afirmou: "Os processos de apuração não se restringem à Abin, envolvem todos os órgãos, sejam civis ou militares. E nós não descansamos enquanto todos aqueles envolvidos com os crimes preparatórios do dia 8 de janeiro e o próprio 8 de janeiro sejam devidamente apurados, punidos", declarou. "Existia uma organização criminosa a partir do Palácio do Planalto do governo anterior, que envolveu várias instituições. O clima e o ódio semeados durante o governo anterior contaminaram várias instituições civis e militares. A apuração sobre o envolvimento individual em todas as instituições tem que continuar." (Folhapress e outras agências) ■

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Página:** 6 e 7